

OLHARES TRANSVERSOS: representações sociais dos alunos de arquivologia e biblioteconomia da UFPB sobre o curso e a profissão arquivista

PERSPECTIVES BEYOND: social representations of the UFPB students of librarianship and archival about graduate and professional archivist

Edvaldo Carvalho Alves*

Derek Warwick da Silva Tavares**

RESUMO

Analisa as representações sociais dos alunos de Arquivologia e de Biblioteconomia da UFPB em relação ao curso de Arquivologia e a profissão de arquivista. De tipo descritiva e natureza quali-quantitativa, utilizou o questionário misto que foi aplicado a 71 alunos de ambos os cursos. Para a análise dos dados, na fase quantitativa, lançou mão de recursos estatísticos, em especial, a análise fatorial de correspondência e, para os dados qualitativos, a técnica da categorização presente no método de análise de conteúdo, tal como sugerido por Bardin. Os resultados demonstram que os estudantes de Arquivologia possuem uma representação social pós-moderna da Arquivologia e do arquivista, onde este profissional é encarado nas suas múltiplas possibilidades de atuação dentro do espectro do fenômeno informacional, em contraste com as representações sociais dos estudantes de Biblioteconomia, que revelam perceber a Arquivologia e o seu profissional numa perspectiva tradicional.

Palavras-chaves: Representações Sociais. Profissão. Arquivista. Biblioteconomia. Arquivologia

ABSTRACT

Analyzes representations of students of Library and Archival UFPB over the course of archival science and profession of archivist. Of descriptive and qualitative-quantitative nature, used the mixed questionnaire that was administered to 71 students in both courses. For data analysis, the quantitative phase, it employed a statistical resources, in particular the correspondence factor analysis and qualitative data for the categorization of this technique in the method of content analysis, as suggested by Bardin. The results show that students have a social representation Archivology postmodern Archivology and

Archivist, where this work is seen in its multiple possibilities of action within the spectrum of informational phenomenon, in contrast to the social representations of students of librarianship, realize that reveal the Archival and their traditional professional perspective.

Keywords: Social Representations. Profession. Archivist. Librarianship. Archivology

1 INTRODUÇÃO

Diante das novas demandas informacionais, surgidas com o advento da Sociedade da Informação, vários cursos de graduação em Arquivologia surgiram no Brasil, com a expectativa de formar profissionais aptos a solucionar os problemas informacionais característicos desse novo modelo social. É no bojo deste processo que o Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é criado, em 2008, surgindo com a proposta, segundo seu Projeto Político Pedagógico (PPP), de

[...] formar profissionais de informação (Arquivistas) para atuarem de modo crítico, criativo e eficiente, em atividades que conduzam à percepção do valor da informação para a transformação da sociedade, da gestão de serviços e recursos de informação arquivística, através das ações de planejamento, organização e administração e o manuseio de diferentes tecnologias de informação, na área da arquivística (UFPB, 2008).

Contudo, desde o seu aparecimento, no campus I da UFPB, estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia vivem em constantes

conflitos teóricos e práticos em relação às suas áreas de atuação. Estes conflitos, em parte, decorrem da concepção de que a Arquivologia advém da Biblioteconomia e de que é campo de atuação do profissional bibliotecário o arquivo, na condição de arquivistas, sem o serem. Isto tem contribuído para a permanência de uma indefinição dos limites de atuação de cada um destes profissionais, propiciando uma crise de identidades profissionais.

Um profissional, seja ele qual for, necessita de reconhecimento da sociedade na qual ele atua. O arquivista, neste sentido, encarregado de preservar e de fazer disponível a informação, vem sendo confundido, numa dinâmica histórica, com bibliotecários – em sua maioria – e também com historiadores. Esta confusão é sintomática de um processo de desconhecimento ou entendimento desvirtuado, por grande parte dos envolvidos na academia (professores, estudantes e funcionários) em relação ao curso de Arquivologia e, por consequência, do profissional desta área.

Diante deste cenário, o presente trabalho tem como objetivo compreender as representações sociais, construídas historicamente, dos estudantes de Arquivologia e de Biblioteconomia a respeito do curso e da profissão arquivista no âmbito da Universidade Federal da Paraíba.

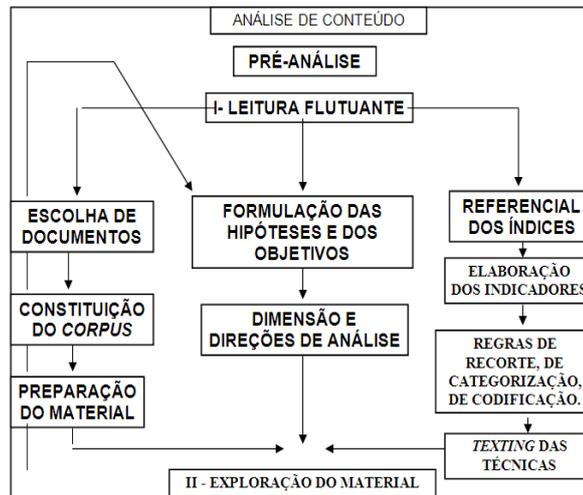
A pesquisa, de tipo descritiva e natureza

quanti-qualitativa, foi realizada com uma amostra de 71 participantes, organizados em dois grupos, conforme os Cursos de Arquivologia e de Biblioteconomia. Destes 71 participantes, 42 eram alunos do Curso de Arquivologia assim distribuídos: 15 da turma pioneira do curso de Arquivologia da UFPB, ou seja, que se encontravam no 5º período e 27 que se encontravam no 2º período. Para o curso de Biblioteconomia, foram aplicados 29 testes aos alunos do 2º período.

Ainda no âmbito metodológico da pesquisa, para o levantamento dos dados, foram utilizados Testes Verbais, do tipo Associação de Palavras e um questionário misto. A aplicação do teste de associação livre de palavras tem sido amplamente utilizada em pesquisas precedentes (DI GIACOMO, 1981; DE ROSA, 1988) como instrumento adequado tanto para a análise cognitiva como das relações de distanciamento social e das representações que os sujeitos elaboram em relação a determinado objeto. (NOBREGA; COUTINHO 2003)

Para a análise quantitativa lançou-se mão da análise fatorial de correspondência (AFC). Os dados obtidos através do teste de associação livre foram processados no *software Tri-Deux Mots* (CIBOIS, 1990). E os dados qualitativos foram analisados por meio da técnica de categorização, presente no método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), segundo a estrutura de interpretação abaixo.

Gráfico 1: Estrutura da pré-análise de conteúdo



Fonte: BARDIN (1989) L'Analyse de contenu. Adaptação de Sheva Maia Nóbrega

Assim, considerando os aspectos abordados, o presente trabalho está estruturado em quatro sessões. Nas duas primeiras, discorre-se sobre os conceitos e as teorias que o alicerçam teoricamente, como a Teoria das Representações Sociais, os conceitos de profissão e profissão arquivista. Na terceira sessão, apresentamos os resultados da análise/interpretação dos dados, iniciando, primeiramente, com os achados qualitativos e concluindo com os quantitativos. Por fim, são evocadas algumas considerações, à guisa de conclusão, a respeito do estudo, que aponta para uma representação líquida¹ dos estudantes de Arquivologia, em relação à temática, devido às constantes mudanças sociais.

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: breve incursão histórica e teórica

A Teoria das Representações Sociais (TRS), elaborada por Serge Moscovici, tem sido aplicada a diferentes campos de pesquisa, ocupando cada vez mais espaço nas Ciências Sociais e Humanas. No entanto, é particularmente inovadora a sua utilização no estudo das questões relativas ao campo profissional da Arquivologia.

¹A idéia de Representação Líquida tem como base o conceito de "Liquidez" desenvolvida por Zigmund Bauman. Para este autor, a liquidez é o aspecto marcante e distintivo das idéias e relações sociais contemporâneas. Ver Bauman (2001).

No que concerne à definição de TRS, existe certo consenso entre os que se mantêm na pesquisa e no aprofundamento dessa teoria, em concordar com o aspecto dinâmico das TRS e considerar que elas

[...] se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias [do senso comum] (MOSCOVICI, 2010, p. 210).

A TRS surge no seio da Psicologia Social moderna, que se desenvolveu, na América do Norte, como uma subdisciplina da Psicologia e sofreu forte influência do pensamento sociológico, tendo como seu principal formulador Serge Moscovici.

O conceito de Representação Social tem como alicerce uma análise crítica da sociologia durkheimiana, em especial do seu conceito de Representação Coletiva. Para o sociólogo francês, as representações de um grupo, construídas através de suas relações sociais, teriam uma realidade própria, transcendendo, e se impondo, de forma coercitiva, aos indivíduos que o constituem. Seriam a forma por meio da qual o grupo se reconhece, pensa, percebe e age em relação aos fenômenos e objetos com os quais interage. Seriam "formas de pensamento comum a todo grupo, unitárias, homogêneas, coercitivas e cristalizadas, resultantes da

longa tradição desse grupo” (Durkheim, 2003). Estas representações seriam as principais responsáveis pela constituição da unidade, portanto, da identidade e coesão dos grupos sociais.

Passados, então, cerca de 50 anos após a divulgação do estudo de Durkheim², Moscovici vem propor uma nova abordagem de pensamento para entender a dialética das representações individuais e coletivas. Em seu estudo, *La psychanalyse, son image et son public*, publicado em 1961, o autor busca apreender a imagem que os indivíduos possuem sobre a psicanálise. Para alcançar este objetivo, propõe uma troca conceitual: ao invés de trabalhar com o conceito de representação coletiva durkheimiano, passa a utilizar o conceito de representação social que, para este autor, seria

[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 2012, p. 181).

Originando-se nas relações cotidianas dos indivíduos, as representações sociais, portanto, não apresentariam uma uniformidade gerada pelo consenso, mas um certo grau de diversidade, que tem como base o conflito de interesses que permeia a vida nas sociedades modernas, estruturadas que são em classes sociais. Nesta perspectiva, a ideia de Representação Social encontra-se mais adequada ao estilo efêmero das sociedades modernas, onde os fatos e as práticas surgem, espalham-se e logo se acabam ou são esquecidos; como diria Marx, “se desmancham no ar”.

No que se refere aos elementos que conformam as Representações Sociais, Guareschi (1994, p. 25) irá nos dizer que

[...] são muitos os elementos que costumam estar presentes na noção de RS. Nelas há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos. Esses elementos das RS estão sempre presentes nos objetos e nos sujeitos, por isso as RS são sempre relacionais e, portanto, sociais.

Por serem fenômenos eminentemente sociais, de natureza essencialmente ideológica, as Representações Sociais cumprem funções no contexto de uma realidade social que, segundo Minayo (1994), são: 1) função de saber, pois elas permitem compreender e explicar a realidade estando intimamente ligadas à comunicação social; 2) função identitária, pois definem a identidade e protegem as características do grupo; 3) função de orientação, já que orientam comportamentos de práticas; e 4) função justificadora, pois permitem compreender, a posteriori, decisões e comportamentos.

Pelo acima exposto, a escolha pela TRS como suporte teórico para o nosso trabalho justifica-se pelo fato de ela possibilitar captar a forma por meio da qual os indivíduos apreendem e representam a realidade vivida, e como esta representação se traduz em fatores motivadores das práticas sociais. Assim, a aplicação desta teoria se faz importante, tendo em vista as frequentes mudanças de olhares, perspectivas e comportamentos dos estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia frente ao curso de Arquivologia e à profissão de arquivista.

3 PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO OU ARQUIVISTA?

²Durkheim publica a 1ª edição das Formas Elementares da Vida Religiosa em 1912.

3.1 UMA CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL DE PROFISSÃO

O termo/conceito profissão se confunde bastante com o de ocupação, pois ambos se referem a atividades especializadas, relacionadas e condicionadas à estrutura social e ao grau de desenvolvimento da divisão sócio-manufatureira do trabalho dominante em uma dada realidade social. No entanto, segundo Bourdieu (1989), Abbott (1988), entre outros estudiosos do campo da sociologia das profissões, o que distinguiria os dois termos – ocupação e profissão-, é que este último possui um corpo de saberes científicos sistematizados. Ou seja, as profissões possuem uma dimensão cognitiva, ligada a saberes específicos, acessíveis apenas aos membros do grupo profissional que os detêm.

Nesta perspectiva, a formação profissional assume uma dimensão crucial, pois será ela que fornecerá o capital simbólico e/ou intelectual, representado pelo diploma, que se constitui no principal fundamento do direito de autoridade de produzir discursos e exercer práticas sobre um determinado conjunto de fenômenos componentes da realidade social. “O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal e não apenas legítimo” (BOURDIEU, 1989, p.148).

Moore (1970) ainda argumenta, nesse sentido, que quanto mais os conhecimentos de um campo³ de atividade são sistematizados, mais o monopólio de seu espaço é garantido. Desta forma, o controle sobre o conhecimento específico de um campo profissional se estabelece, sempre, a partir das relações que existem entre a prática profissional e valores como legitimidade cultural, racionalidade e eficácia.

³Utilizamos aqui o conceito de campo tal qual desenvolvido e empregado por Bourdieu (1989).

Segundo Abbott (1988), o conjunto das profissões forma um sistema. E, neste sistema, as profissões dividem espaços, mais ou menos legitimados e reconhecidos socialmente, de acordo com o poder que cada uma possui, oriundo de seu processo histórico de controle e sistematização de um saber específico. De acordo com esse autor, este sistema seria uma espécie de estrutura que relaciona, de forma hierarquizada e assimétrica, as profissões entre si, de tal maneira que a alteração em uma parte afetaria as demais, principalmente aquelas que se relacionam mais diretamente com a que sofreu inicialmente as alterações⁴. Desta forma, fica claro que os limites – ou jurisdições, na terminologia de Abbott (1988) -, dos campos profissionais estão sempre em mutação, dependentes que são da dinâmica das relações entre as diversas profissões.

A história das profissões nada mais seria que a história da disputa, conquista e manutenção, por parte das profissões, de novos espaços dentro do sistema de profissões. Por sua vez, a capacidade de manutenção e ampliação de seu espaço, por parte de uma profissão, isto é, a aptidão para manter sua jurisdição, depende principalmente do prestígio de seu sistema de conhecimento. Assim, como afirma Cunha (2000), quanto maior o poder de abstração teórica de uma profissão, isto é, quanto mais ela se afasta de uma habilitação eminentemente técnica, mais solidez, reconhecimento e prestígio ela possuirá no sistema de profissões e no contexto social como um todo.

Mas toda profissão, é preciso ressaltar, possui também uma dimensão normativa e valorativa, que define o seu papel e sua posição social no conjunto da sociedade e em relação às outras profissões. E são as associações, conselhos profissionais,

⁴Importante frisar que as alterações tanto podem ter causas endógenas como exógenas, uma vez que dentro do campo interno a uma profissão sempre existe uma luta entre concepções, idéias, práticas e técnicas concorrentes, que aspiram à hegemonia. Para maiores esclarecimentos sobre a dinâmica interna dos campos de saber, ver Bourdieu (1989).

sindicatos e o próprio Estado que desempenham esse papel.

Como visto acima, e como bem argumenta Crivellari (2000), as profissões devem sempre ser entendidas como construções históricas, resultantes de relações sociais de produção bem definidas temporal e espacialmente.

Partindo dessa perspectiva, propõe-se abordar as profissões a partir dos seguintes pressupostos elencados por Perrusi (1995):

- Não há como estudar uma profissão isolada do contexto em que está inserida. Ou ainda: uma profissão geralmente faz parte de um sistema profissional e analisá-la é perceber suas conexões com outras profissões num determinado contexto histórico. Logo, o estudo comparativo é imprescindível à análise das profissões.
- Dificilmente encontramos uma profissão unificada e homogênea. O sistema profissional é multifacetado e, no seio mesmo do mundo profissional, há vários segmentos profissionais muitas vezes competindo entre si, objetos profissionais diferentes, interações profissionais apresentando polarizações antagônicas, processos identitários diversos. Uma profissão é um mundo formado de mundos.
- Não há profissão estabelecida definitivamente. Se existe uma lição proveniente da história das profissões, seria a de que os grupos profissionais sofrem processos de estruturação e desestruturação constantes, as delimitações de competências são flutuantes, a base cognitiva pode mudar, a modalidade de regulação pode sofrer modificações.
- Não há profissões "objetivas". Existe, isto sim, relações dinâmicas entre estruturas e lógicas de ação, entre instituições e trajetórias, entre formação profissional e vocações, entre saber e poder, entre papel profissional e

formas identitárias. O fato profissional é abarrotado de sentido, pois constitui e é constituído por processos identitários. A determinação das estruturas não pode sobreviver sem as subjetividades socialmente construídas e vice-versa.

3.2 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Como alcançar a unidade na diferença e como preservar a diferença na unidade? (BAUMAN, 2005, p. 48).

Essa nomenclatura que, frequentemente, vem sendo utilizada para determinar os profissionais que atuam na área da informação, lidam com ela e a concebem como objeto de estudo, deriva da Revolução Tecnológica, que altera não somente as formas de se produzir informação, mas também todas as formas de comunicação e de relacionamentos sociais. Neste caso, a formação acadêmica desses profissionais se sustenta pela necessidade cada vez maior de se obter informação por parte dos diversos segmentos da sociedade, sejam eles políticos, econômicos e sociais. Segundo Souza (2006), nesse novo contexto poder-se-ia,

[...] tomar a expressão Profissionais da Informação como uma designação mais abrangente visando auxiliar no desembaralhamento da questão dos nomes: Profissional da Informação, Bibliotecário, Cientista da Informação e outros, como Arquivistas e Museólogos (SOUZA, 2006, p. 24).

Contudo, a utilização de um termo generalizado, para tentar desembaralhar as competências, gera conflitos de identidade, pois, para se unificar um grupo de profissionais, é necessário que haja a identidade única de cada um e que não haja conflitos profissionais. Ou seja, a utilização do termo profissional da informação numa tentativa de "desembaralhamento", embaralha muito mais os aspectos profissionais, técnicos, científicos e identitários de uma categoria profissional. No

entanto, Souza (2006), ao estudar as questões referentes à identidade do bibliotecário, afirma que o problema não se encontra nas crises de identidade desse profissional, mas

[...] no pequeno número de profissionais, uma sociedade ainda semiescolarizada e semi-informatizada, uma sociedade que não percebe, conscientemente, a presença dos poucos bibliotecários ou cientistas da informação já existentes e não distingue as diferenças de sua atuação etc. (SOUZA, 2006, p. 30).

Neste caso, a formação acadêmica parece constituir-se no requisito básico para se levar à afirmação de que o arquivista é um profissional da informação. No entanto, se todos os profissionais lidam com a informação em suas diversas maneiras, como definir então o profissional da informação? Seria realmente a titulação acadêmica, ou seriam os métodos e técnicas de um grupo profissional específico, no caso os profissionais arquivista, bibliotecário e museólogo, por se voltarem estes para o desenvolvimento técnico, gerencial e científico necessário às novas demandas informacionais da sociedade? E então, quais seriam os fatores de identidade profissional desse grupo de profissionais da informação?

Diante disto, parece ser possível compreender que os profissionais da informação são aqueles derivados de uma formação acadêmica, seja em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Ciência da Computação, Sistema de Informação, Ciência da Informação ou em outros campos, voltados para o estudo da informação, em seus aspectos de produção, gerenciamento, recuperação e disseminação. Neste caso, a formação acadêmica situa-se na necessidade de capacitar profissionais que se voltem para o desenvolvimento técnico, gerencial e científico necessários às novas demandas sociais.

Contudo, esse panorama apresenta ainda, um grave problema ao pensarmos nos fatores

identitários, através da formulação de um sentimento de não pertencimento ou reconhecimento de técnicas, práticas, métodos e conhecimento científico específico de um determinado grupo profissional, que criariam as condições de unidade de um grupo de profissionais.

Concluimos, portanto, sobre o aspecto do termo “profissional da informação”, que essa utilização ocorre diante de uma tentativa de fuga de um estigma, causado pelo não reconhecimento e valorização dos seus próprios agentes profissionais, arquivistas, museólogos e principalmente bibliotecários, o que converge na renovação de um termo, mais sofisticado e contemporâneo, ou seja, um termo globalizado. O fato é que, ao se abandonar as raízes de origem, em detrimento de uma melhor visibilidade perante a sociedade do espetáculo⁵, esses profissionais tendem a se confundir nos níveis de pertencimento e identidade das categorias profissionais.

Portanto, é válido apoiar-se no conceito de que informação “é o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo”. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p, 187). E ainda na ideia de que,

os cientistas da informação – pela própria natureza do seu campo – devem trabalhar de cima para baixo, ou seja, do campo geral do conhecimento e suas fontes de informação para o específico, enquanto os especialistas do domínio devem trabalhar de baixo para cima, do específico para o geral. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p, 187).

Afirmamos que os profissionais Arquivistas, Bibliotecários e Museólogos, são aqueles que estão aptos a fornecer e tratar técnica e competentemente o subsídio informacional para os seus próprios problemas

⁵Conceito atribuído por Debord (2003, p.9) para definir a sociedade contemporânea onde “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.”

(questionamentos, pesquisas) e dos demais profissionais, diante da própria lógica da Ciência da Informação, de gerar, coletar, tratar, organizar, classificar e difundir a informação. Enquanto que, os demais profissionais estão preocupados com a utilização dessa informação, do ponto de vista de como proceder através dela e como fazer dela um instrumento capaz de alterar estruturas, sejam sociais ou cognitivas.

3.3 A ARQUIVÍSTICA COMO PROFISSÃO

Durante séculos, as mais variadas civilizações distribuídas pelo mundo fizeram registros de sua vida cotidiana em diversos suportes, de acordo com sua época, compreendendo, principalmente, de registros sobre aspectos sociais, religiosos e econômicos do local. Esses tipos de suporte de registro de informação, é o que poderíamos chamar de “documentos”. Estes, por sua vez, variaram de acordo com o tempo e suas civilizações, a exemplo dos registros pictográficos presentes nas cavernas, utilizados pelos primeiros hominídeos (4.000, a.C).

Neste sentido, pode-se dizer que os suportes de escritas originaram-se dos três reinos da natureza: o reino mineral, vegetal e animal. No reino mineral, encontram-se as tábuas de argila, adotadas por grandes civilizações do Mundo Antigo, como Grécia, Egito e Roma. Surgem também o papiro e pergaminho que, de acordo com os historiadores do livro, não se pode precisar o período em que um suporte substituiu o outro. Um fato é irrefutável: os suportes conviveram simultaneamente, em paralelo, fato que sofre alteração apenas com a invenção da imprensa, antecedida pelo surgimento do papel no ano 105 de nossa era pelo ministro chinês T'sai-Lun (MARTINS, 1996, p. 112). Assim sendo, na medida em que os suportes são substituídos e alterados em suas formas, os sistemas de escrita também sofrem modificações. Tanto que há, na literatura da história dos livros e da escrita, a afirmativa de que os suportes favorecem o

desenvolvimento dos estilos gráficos, ou seja, escrever sobre o papiro facilitou o surgimento e aperfeiçoamento do desenho sígnico, assim como o surgimento do papel viabilizou a escrita cursiva. Logo, consideramos que as alterações e adoções de tecnologias na produção de novos suportes é condição de outras escritas, e de novos modos de registro de informação.

É nesse contexto de surgimento da escrita que aparecem as primeiras instituições de arquivos, chamadas de *archeion*, ainda por volta do Século III ou II a. C., fundadas, inicialmente, em aspectos administrativos de Estado. Londolini (1990) complementa dizendo que “os documentos eram produzidos e conservados para as necessidades do governo e da administração [...]”. Posteriormente, esses documentos atribuíram importância legal e jurídica de prova e de memória, quando compreendidos como informação importante para gerações futuras. No entanto, após vários séculos de uso constante da escrita e do documento, houve um declínio quantitativo na sua utilização.

Após a queda do mundo romano, no Século V, conquistado pelos povos bárbaros, o mundo ocidental europeu passou por grandes mudanças, configurando outra sociedade, com costumes, valores, cultura e religião diferenciados da romana, como bem relatou (LE GOFF, 2005, p. 48), ao dizer que “o mundo medieval resulta do encontro e da fusão desses dois mundos (romano e bárbaro) [*grifo nosso*], que se interpenetravam, da convergência das estruturas romanas e das estruturas bárbaras em transformação”. Sobre os aspectos da cultura, detivemo-nos na escrita que, durante esse período, foi privilégio de uma única categoria social, a dos religiosos, causando afastamento de novos registros documentais em diversas áreas - administrativa, jurídica ou cultural. Mas, se falamos de uma classe privilegiada pelo uso da escrita (o Clero), podemos inferir que essas pessoas também eram as responsáveis pela

guarda e conservação dos documentos bibliográficos, administrativos ou históricos, durante a Idade Média.

No fim deste período, surge a Idade Moderna, marcada por pelo menos quatro grandes acontecimentos de destaque social, político, cultural e econômico: a Expansão Marítima, o Renascimento, a Reforma Protestante e a Revolução Francesa (1789 – 1799). Essa foi uma época de transformações, quando um novo mundo foi descoberto, quando um movimento intelectual e um novo conceito de religião tiveram início. Neste caso, é ao contexto da Revolução Francesa que damos maior atenção, pois foi a geração do sentimento nacionalista, que culminou com a formação dos Estados Nacionais, que propiciou uma maior amplitude dos arquivos, com a criação dos Arquivos Nacionais, a exemplo do primeiro, na França, em 1789 (*Archives Nationales de France*). Essa amplitude também foi dada aos arquivistas, em relação aos avanços técnicos e científicos realizados na área da Documentação e da História que capacitassem melhor os profissionais responsáveis pelo tratamento, pela guarda, conservação e recuperação da informação contida nos documentos, seja para fins administrativos ou históricos.

Portanto, delimitar no tempo o aparecimento do arquivista nesses termos é um equívoco, tendo em vista que essa não era a nomenclatura dada ao responsável pela guarda dos depósitos de informação. Neste caso, cabe-nos identificar o profissional arquivista como sendo aquele surgido na modernidade, após a Revolução Francesa, com a fragmentação das unidades de informação (Arquivo, Biblioteca e Museu), o que remete também à tarefa de identificar os tipos de profissionais que atuavam nesse espaço. É, portanto, nessa fase, em que se configura ainda o modelo científico do positivismo, que o termo e a profissionalização arquivística se constituirão enquanto campo do conhecimento científico, passando a ocupar um espaço profissional

que atenda às necessidades administrativas e acadêmicas de setores públicos e privados, como forma de fornecer mais adequadamente as fontes de pesquisa para diversos pesquisadores, quase todos historiadores, e ainda na tarefa de suprir os problemas e as necessidades de informação da sociedade pós-moderna.

Anteriormente, falávamos da origem e do desenvolvimento do arquivista em diversas épocas históricas. Ao nos referirmos a esse assunto, observamos que o profissional de arquivo se desenvolve, ao longo desse tempo, em conjunto com as grandes transformações sociais, econômicas e tecnológicas mundiais.

Se, antes, o seu desenvolvimento ocorria através do surgimento de um código estruturado de escrita ou, até, de movimentos revolucionários como a Revolução Francesa, hoje, temos um arquivista “contemporâneo”, que também se originou dessas vicissitudes.

Ao fim da primeira metade do Século XX, com o início da Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra, os avanços tecnológicos seguiram a passos largos, motivados pelas necessidades de batalha e pelas necessidades administrativas. Do lado administrativo, busca-se uma solução para o aumento e volume cada vez maior de documentos. Nesse contexto, surge o conceito da arquivística moderna, que diz respeito aos “novos paradigmas difundidos mais amplamente a partir da década de 50 por Shellenberg⁶ e os demais teóricos da área [...]” (SANTOS, 2009, p. 175). Os fundamentos da teoria das três idades e da gestão documental, pensada por Shellenberg, e as inovações tecnológicas, com o advento do computador e do documento digital, modificaram o aspecto profissional, as competências e a identidade do arquivista. Contudo, do ponto de vista de sua atuação, este profissional ainda era pensado, na época de Shellenberg, como um simples

⁶Theodore Roosevelt Shellenberg, norte-americano, é autor de inúmeras obras, a principal e que merece destaque chama-se “Modern archives: principles and techniques” (1956).

“guardador” de documentos, como bem observa Santos (2009), ao identificar, nas palavras de Shellenberg e de outros teóricos, um posicionamento equivocado,

[...] no sentido de definir como passiva a relação entre os arquivistas e seus clientes, os usuários dos arquivos.” Nesse caso “[...] O arquivista não seria inserido no planejamento do fluxo da informação, nem na revisão dos processos administrativos e técnicos, muito menos teriam representação ou oportunidade de manifestar-se na elaboração do planejamento estratégico da instituição” (SANTOS, 2009, p. 184).

O arquivista, embora reconheça que a sua presença seja importante numa instituição, ainda não se reconhece capaz de atuar nos âmbitos gerenciais, e sua imagem fica associada, apenas, à de um arquivista recluso, junto com seus documentos, num arquivo. No entanto, em um mundo globalizado, as modificações atuam em todas as formas. No campo do profissionalismo, essa modificação ocorre diante das estruturas macro de poder, ou seja, o profissional é subjugado a ceder às modificações, caso não o faça, ficará ultrapassado e perderá espaço no mercado competitivo do trabalho. Sendo assim, o arquivista é, e tem que ser, um profissional dinâmico, que se adequa às condições e às necessidades impostas pela sociedade da informação.

4 AS REPRESENTAÇÕES DOS GRADUANDOS DE ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA SOBRE O CURSO DE ARQUIVOLOGIA E A SOBRE A PROFISSÃO ARQUIVISTA

4.1 A CIÊNCIA ARQUIVÍSTICA NO OLHAR DOS ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA DA UFPB

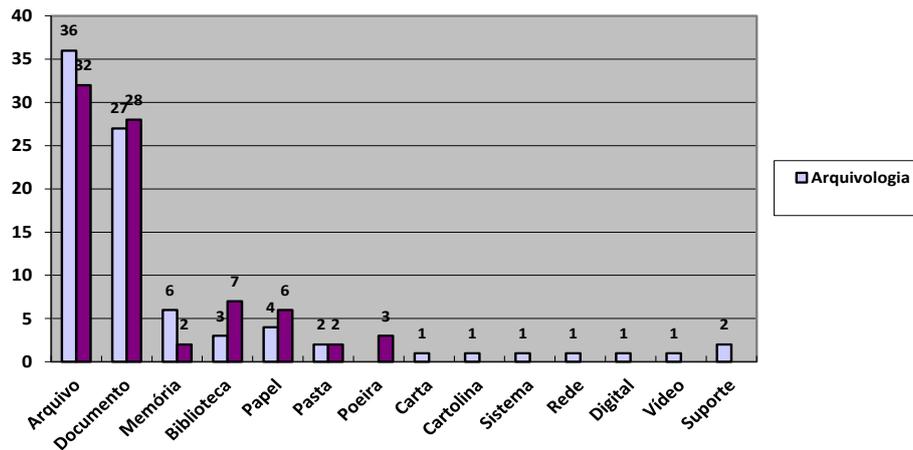
A análise/interpretação dos dados coletados, como já indicado anteriormente, foi realizada em duas etapas: a primeira, de natureza qualitativa, teve como base o método de

análise de conteúdo, e a segunda, quantitativa, foi executada a partir da utilização da Análise Fatorial de Correspondência, que veio a corroborar com os achados provenientes da análise/interpretação qualitativa. Assim, para uma melhor visualização e compreensão, serão apresentados, inicialmente, os achados qualitativos.

A análise/interpretação dos dados qualitativos foi realizada com o material coletado por meio da aplicação dos questionários, em especial, das perguntas abertas nele contidas. Quando perguntados sobre o que pensam a respeito do arquivista e da Arquivologia, destacam-se duas importantes categorias nas falas dos sujeitos da pesquisa: (1) a do **conhecimento** da Arquivologia e (2) a da **prática profissional** arquivista. Ambas as categorias se desdobram em mais duas subcategorias.

A primeira é construída e mobilizada por uma relação de triangulação, onde o *arquivo* (95,7%) aparece com face dupla representativa da Arquivologia e do arquivista. Arelada à ideia de arquivo, encontra-se a representação de *documento*, que remete à *memória*. O arquivo e a memória revelam-se com uma representação de interdependência e tipicamente pós-moderna, com o advento e a massificação da informática. A memória manifesta-se de forma dicotomizada: digital *versus* papel. Para os entrevistados do Curso de Biblioteconomia, a memória é preservada e registrada, preponderantemente, em documentos, na forma tradicional, e arquivada, historicamente, na forma de papel. Paradoxalmente, a maioria dos participantes são jovens que pertencem à era digital, que têm uma relação mais frequente e íntima com a informática, entretanto manifestam com maior frequência as unidades de registro (UR) relativas ao passado, conforme demonstra o quadro abaixo.

Tabela 1: Frequência de unidades de registro do estímulo: Arquivologia



O quadro acima, também apresenta outra característica identificada, que se configura na representação de *biblioteca*. Para os alunos de ambos os cursos, existe essa relação entre a Arquivologia (arquivo) e a Biblioteconomia (biblioteca), compreendida, historicamente, através do percurso histórico da Arquivologia e, culturalmente, pelas práticas acadêmicas existentes no Curso de Arquivologia da UFPB. Tanto na Universidade Federal da Paraíba quanto na Universidade Federal da Bahia (Duarte, 2007), verifica-se a presença de um grande número de docentes advindos da área da Biblioteconomia na formulação curricular do curso e no ensino de disciplinas⁷. Neste sentido, devido aos seus valores teóricos, práticos e profissionais, esses docentes introduzem, direta ou indiretamente, as suas competências acadêmicas, formando um currículo composto, quase sempre, de disciplinas práticas e técnicas, deixando de focar [também] os aspectos teóricos da área, o que contribuiria para o fortalecimento e o reconhecimento da área como conhecimento científico ou, até, como uma ciência independente.

Sobre isso, Duarte (2007, p. 146) afirma que “a Arquivologia no Brasil se constitui área profissional autônoma, embora não se tenha encontrado saída para a sua verdadeira

independência, ficando relacionada ao campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia”. Esta prática, presente em alguns Cursos de Arquivologia, pode ser interpretada como uma tentativa de os antigos profissionais atuantes em arquivos não perderem espaço no mercado de trabalho, buscando, então, manter relações curriculares entre os cursos.

Existe ainda uma diferença quanto às representações da Arquivologia para os alunos de Biblioteconomia e para os estudantes de Arquivologia. Podemos dizer que, embora o **núcleo** seja constituído dos mesmos elementos (*arquivo* e *documento*), para ambos os grupos, existem duas representações diferenciadas e até opostas, conforme se estruturam e se organizam os elementos periféricos em torno do núcleo.

Para os alunos de Arquivologia, os *arquivos* e os *documentos* são a matéria essencial da Arquivologia, mas os elementos periféricos articulados ao núcleo determinam a significação da representação na medida em que o tipo de *memória* que resguarda esses documentos consiste em *arquivos digitais*, que disponibilizam informações na forma de *suporte, rede, sistema e vídeo*. A combinação desses elementos (arquivo, documento, rede, digital, sistema) torna a representação da memória dinâmica, ativa, uma espécie de

⁷Justificável pela falta de docentes com formação em Arquivologia no Brasil.

constante modelagem e de natureza digitalizada. Mesmo que *biblioteca, papel e carta* também se acrescentem aos elementos periféricos, a representação dos alunos do Curso de Arquivologia é determinada, essencialmente, pela significação da Arquivologia a partir agora dos seus arquivos e documentos digitais.

Inversamente, para os alunos do Curso de Biblioteconomia, mesmo considerando que arquivos e documentos são matérias básicas da Arquivologia, essas informações são preservadas na petrificação do espaço físico da *biblioteca*, e na concretude de *papéis, pastas e poeira* como componentes que caracterizam a memória das informações.

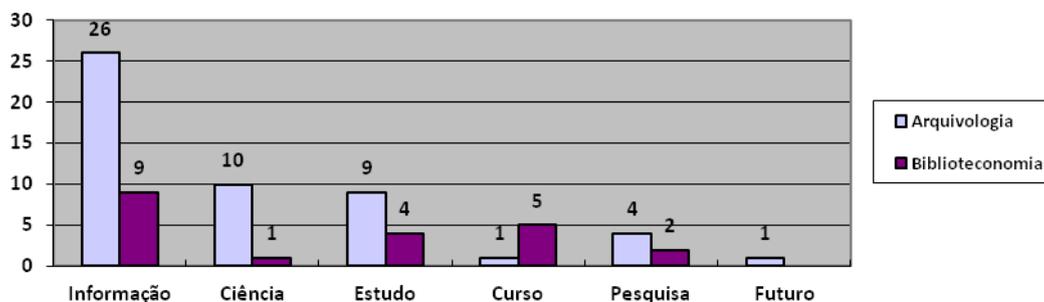
Portanto, a representação dos alunos de Biblioteconomia indica uma percepção imobilizada da memória e da história da Arquivologia, uma vez que remete às práticas tradicionais de arquivamento de documentos e preservação da memória numa instituição

ou espaço bibliotecário clássico, a biblioteca. Desta forma, pode-se supor que esta caracterização da Arquivologia consiste numa projeção da experiência tipicamente bibliotecária.

Em contraposição às representações deste grupo, os alunos de Arquivologia estão sensíveis a uma dinâmica da história endereçada ao futuro, pois enfatizam a memória, de natureza digital, como lugar ou suporte de armazenamento de informações que funciona de modo dinâmico, através de redes, sistemas e vídeos.

Partindo, agora, para a análise da categoria **Arquivologia**, destacou-se o **conhecimento científico** como subcategoria. O conhecimento científico da Arquivologia é representado como sendo parte da *Ciência da Informação* ou, ainda, como um tipo de estudo/curso que se realiza através da pesquisa, cujos resultados sempre são destinados ao futuro.

Tabela 2: Frequência de unidades de registros da categoria Conhecimento Científico



Pode-se observar como se evidencia uma nítida discrepância entre os estudantes de Biblioteconomia em relação aos de Arquivologia. A Arquivologia, como conhecimento científico, é uma representação exclusiva dos alunos de Arquivologia, quando explicitam, com exatidão e aprofundamento, que a Arquivologia é um conhecimento científico ligado à *Ciência da Informação*, fundada no *estudo* e na *pesquisa*, como demonstram os elevados índices de unidades de registros e, respectivamente, os altos percentuais.

Diferentemente, para os alunos de Biblioteconomia, embora algumas representações coincidam, fica marcante, para este grupo, genericamente, que a Arquivologia é um *Curso/estudo da informação*, revelando lacuna quanto ao que há de peculiar e exclusivo da Arquivologia.

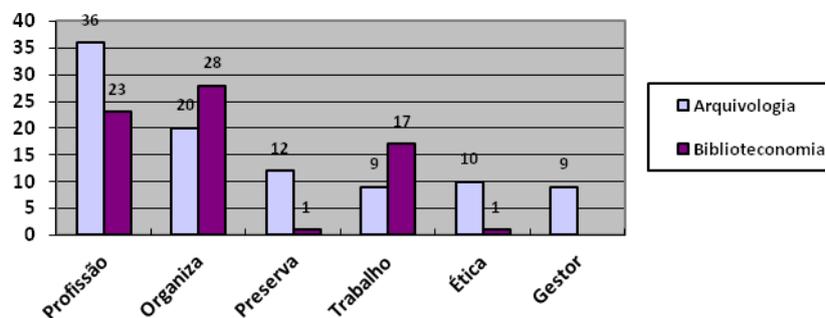
4.2. A PROFISSÃO ARQUIVISTICA NO OLHAR DOS GRADUANDOS DE ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA

A segunda categoria, **profissional arquivista**, impõe-se com muita intensidade sobre o que é um arquivista. Os estudantes de Arquivologia a representam como uma *profissão* e, em menor intensidade, um tipo de *trabalho* em que é exercido o papel de *gestor ético*, que *organiza* e *preserva* a informação. Isto significa que o arquivista já é representado como um profissional no mercado de trabalho, para este grupo.

Já os alunos de Biblioteconomia apenas equiparam a profissão a um tipo de trabalho

sem jurisdição, pouco específico, que tem como função organizar, e desconhecem a função gestora do arquivista, quase anulando a importância ética desse profissional. Possivelmente, por não considerarem efetivamente como uma profissão com identidade e especificidades próprias e distintas das outras, tendo em vista até os aspectos históricos que, nos dias de hoje, ainda permeiam o espaço profissional, onde bibliotecários metódicos atuam na função de arquivistas.

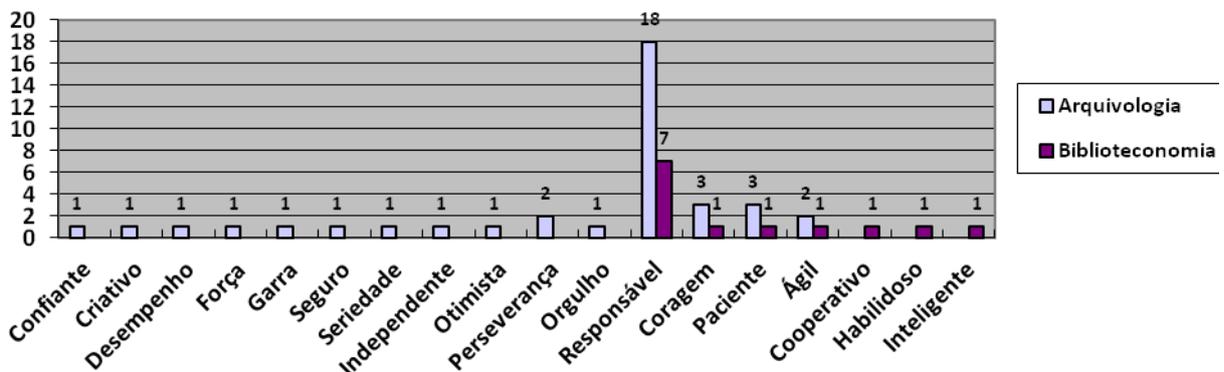
Tabela 3: Frequência de unidades de registro da categoria Arquivista



A **identidade** emerge como subcategoria do **arquivista**, com uma ampla gama de características particularmente reveladoras em relação à representação que é construída a respeito da Arquivologia e sua prática. Para

os entrevistados, esse tipo de conhecimento exige do profissional uma identidade particular e com capacidade diferenciada do comum.

Tabela 4: Frequência de unidade de registro da categoria Identidade



Para os alunos de Arquivologia, a identidade do arquivista se caracteriza, prioritariamente, por *responsabilidade*, *coragem*, *paciência*, *perseverança*, *otimismo*, *agilidade*; ele tem que ser *confiante*, *criativo*, *independente* e

seguro, *ter otimismo*, *seriedade*, *garra*, *força* e *bom desempenho*. Encontra-se subjacente a essas representações uma identidade de alguém capaz de superar continuamente obstáculos e de ter capacidade para enfrentar

frustrações e incertezas. Bauman (2005), a esse respeito, afirma:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

Isto pode ser explicado pelo fato de a profissão de arquivista, do ponto de vista jurídico, ainda não ser historicamente consagrada, embora a adoção de sua prática pertença a épocas passadas (Idade Antiga). Neste caso, devido ao seu recente aparecimento enquanto conhecimento científico e ainda a sua contemporânea jurisdição legal no cenário brasileiro, é que fazem da profissão de arquivista ainda uma incógnita para os entrevistados. Logo, o que é desconhecido ou pouco familiar produz sentimentos de insegurança, particularmente, quando há projeção de um futuro profissional e a necessidade de criar uma personificação heroica.

Os alunos de Biblioteconomia também enfatizam a primazia da responsabilidade, da coragem, da paciência e da agilidade como características da identidade do arquivista.

Acrescentam aspectos sociais, quando sugerem que deve ser cooperativo, e cognitivo, ao referir que deve ser habilidoso e inteligente.

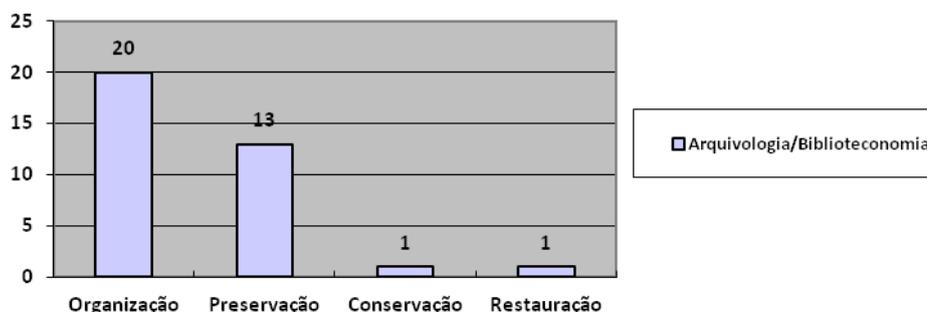
Nesse caso, Bauman (2005) afirma que

[...] as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005, p. 19).

A representação (identidade) dos estudantes de Arquivologia como primeira identificação sempre estará em constante mudança e representação, tanto por parte dos arquivistas quanto de outros profissionais - neste caso, o bibliotecário. Portanto, pode-se inferir que existe maior familiaridade na descrição da identidade do arquivista para os alunos de Arquivologia do que para os de Biblioteconomia que, de certa forma, identificam o arquivista como um apêndice da Biblioteconomia.

A segunda subcategoria do arquivista remete às **técnicas** e aos métodos da sua prática profissional. As representações construídas sobre suas técnicas metodológicas consistem, essencialmente, no seu trabalho de **conservação, restauração, organização e preservação.**

Tabela 5: Frequência de unidades de registro da categoria Técnicas



Nos gráficos 2 e 3, abaixo, é possível apreender visualmente, com destaque para

seus componentes, como se encontra estruturada a representação da Arquivologia

nos alunos de Biblioteconomia e de Arquivologia:

- O **núcleo central** constituído dos elementos: *arquivo, documentos*, idênticos para os dois grupos de alunos.
- Os **elementos periféricos**, diferenciados conforme os grupos.

Para os alunos de Arquivologia, os elementos são: profissão, informação, ciência, memória, papel, biblioteca, rede, digital, sistema, suporte. Para os de Biblioteconomia, os elementos periféricos são: profissão, trabalho, informação, biblioteca, papel e curso.

Gráfico 2: Representação gráfica das TRS dos estudantes de Arquivologia

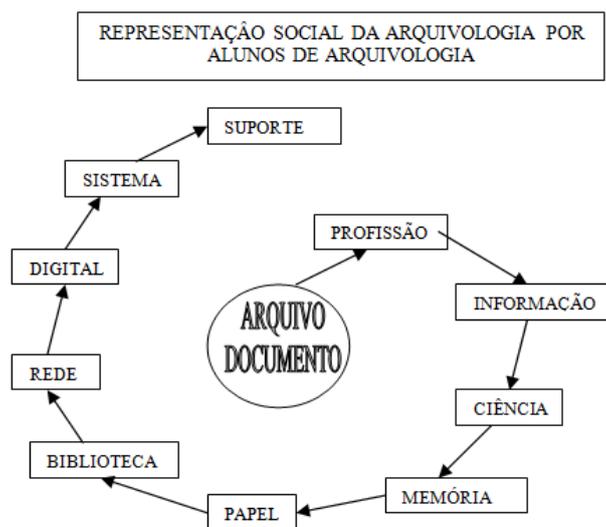
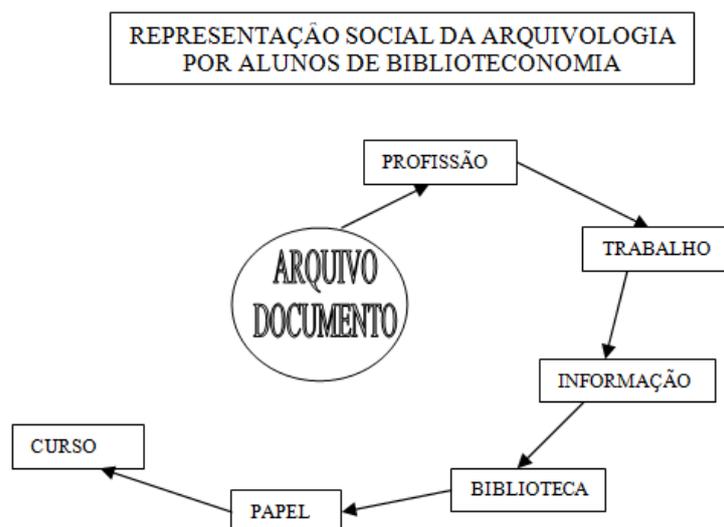


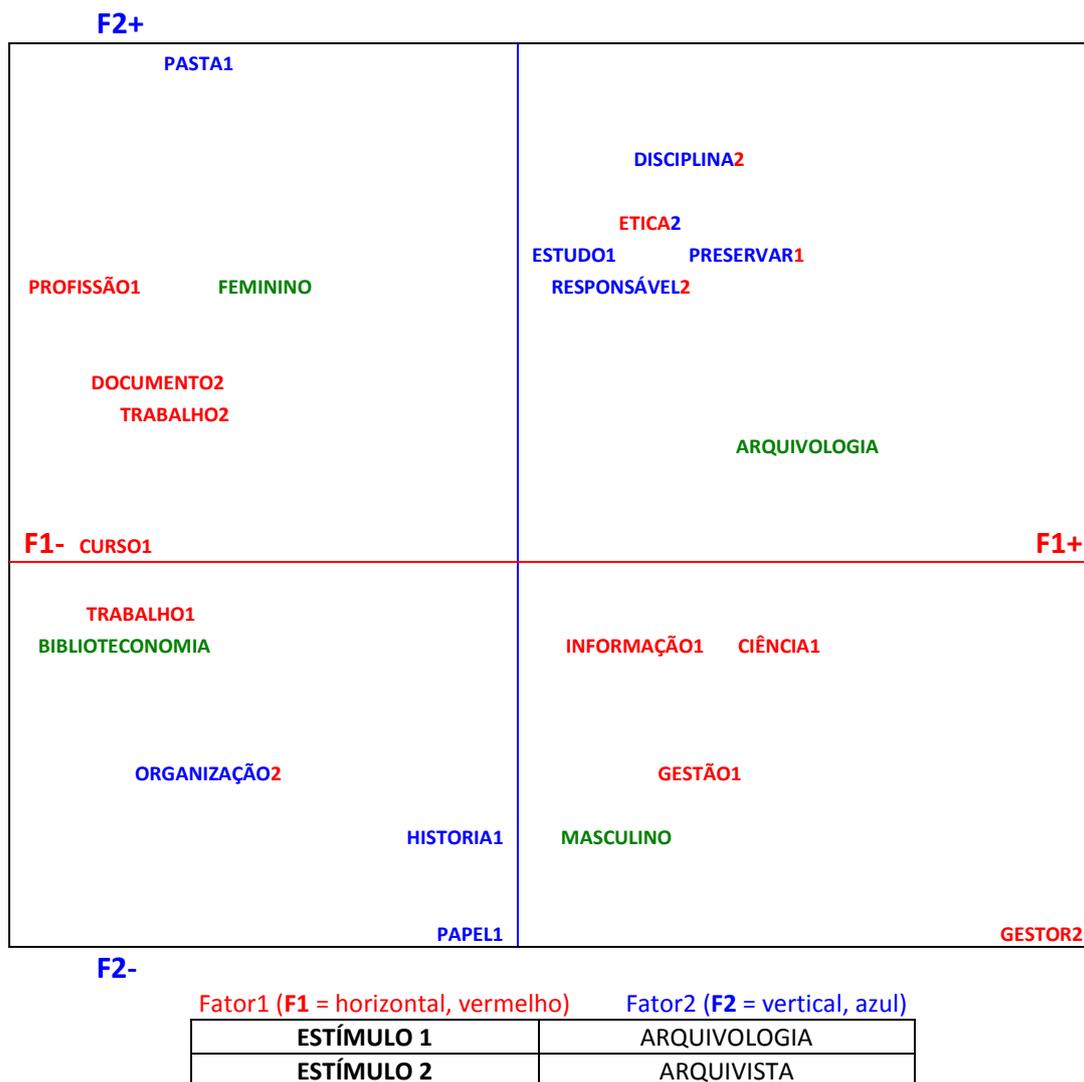
Gráfico 3: Representação gráfica das TRS dos estudantes de Biblioteconomia



Os resultados apresentados pela Análise Fatorial de Correspondência (AFC) relativa às respostas dos estímulos indutores vieram a

corroborar os achados da análise qualitativa, acima expostos, como demonstram os dados presentes no gráfico 4.

Gráfico 4: Representação gráfica dos eixos fatoriais 1 e 2.



No eixo 1 (F1), horizontal e de cor vermelha, encontram-se evidenciadas as representações dos alunos do Curso de Arquivologia, situados à direita do gráfico e em oposição às representações dos alunos de Biblioteconomia, à esquerda do plano fatorial. No eixo 2 (F2), os sujeitos encontram-se diferenciados por sexo: o masculino, representado pelas respostas abaixo do eixo F2, e o sexo feminino, acima do eixo 2.

No Fator 1, do lado direito ou positivo, os estudantes de Arquivologia representam o estímulo 1, **Arquivologia**, como sendo parte da “*Ciência*”, da “*Informação*”, uma forma de “*Gestão*”, que tem como função “*Preservar*”. Sobre o estímulo 2, esses mesmos alunos representam o **arquivista** como uma pessoa

ética, gestora, responsável por preservar e ainda tendo que ter disciplina.

Ainda no Fator 1, lado esquerdo, encontram-se os alunos do Curso de Biblioteconomia, em oposição aos de Arquivologia. Em relação ao primeiro estímulo, a Arquivologia foi representada como um *curso*, uma *profissão* e um tipo de *trabalho*. Quanto ao segundo estímulo, o arquivista é representado por alunos de Biblioteconomia como alguém que *trabalha com organização de documentos*.

Pode-se observar uma diferença marcante nas representações dos estudantes de Arquivologia em relação aos de Biblioteconomia no Fator 1. Existe uma precisão e clareza na caracterização da

Arquivologia para os estudantes desse curso, porquanto consideram que se trata de um conhecimento científico, cujo objeto é a informação, e destacam a ênfase na consciência ética que o arquivista deve ter como gestor na preservação de documentos.

Inversamente, os alunos do Curso de Biblioteconomia constroem representações genéricas e, sob o viés do contágio do próprio Curso de Biblioteconomia, entendem o arquivista como um profissional cuja prática consiste apenas em organizar documentos.

No Fator 2 (F2+), de cor azul, existe uma oposição de gênero. Na parte superior do gráfico, F2 positivo, encontram-se os participantes do sexo feminino em oposição aos do sexo masculino, que se encontram na parte inferior do gráfico ou F2-. As estudantes do sexo feminino representam a **Arquivologia** como um tipo de *estudo* que tem como função *preservar pastas*⁸. Quanto ao segundo estímulo, o **arquivista** é uma pessoa que deve ser *responsável, disciplinada* e que tenha *ética*.

No lado oposto do mesmo eixo, Fator 2 (F2-), na parte inferior do gráfico, os alunos do sexo masculino afirmam que a Arquivologia é associada à *história e a papel*.

No que diz respeito ao gênero, é possível evidenciar que as representações dos sujeitos do sexo feminino encontram-se mais em sintonia com as dos alunos de Arquivologia, diferentemente dos participantes do sexo masculino. Portanto, os estudantes de Arquivologia enfatizam a questão social da formação profissional quando usam termos como **ética, responsabilidade, disciplina** etc., diferentemente dos estudantes de Biblioteconomia, que valorizam o aspecto técnico porque entendem que a Arquivologia é apenas uma forma de organizar papéis e documentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁸ “Pastas” nesse caso é interpretada com sentido tipológico.

Com base nos resultados do estudo, é possível identificar que existe uma representação social dinâmica e um problema nas representações sociais dos alunos de Arquivologia, ao identificarem-na como um tipo de conhecimento da Ciência da Informação, que lida com arquivos e documentos de forma digital, através de uma memória modeladora que se realiza na forma de rede e de sistemas de informação. Pois não se trata a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia de serem os saberes práticos e técnicos da CI, e a esta última os saberes científicos de uma ciência. Logo, é importante visualizarmos que a Arquivologia faz parte de um saber que se desenvolve a cada dia, para se consolidar enquanto campo do conhecimento científico, pautado em procedimentos, técnicas e teorias específicas.

O profissional arquivista comporta-se, na visão dos estudantes de Arquivologia, como um gestor cuja identidade é marcada pela responsabilidade ética e pela capacidade criativa e inovadora de superar desafios em meio a uma sociedade volátil.

Em posição oposta, os alunos de Biblioteconomia representam de modo reducionista a Arquivologia, imobilizada no campo de estudo da documentação, dos arquivos e das bibliotecas, que são preservados, na memória material de papéis e de pastas, por um profissional habilidoso, cooperativo e responsável pela organização da documentação.

Neste sentido, ao tomar como ideia a noção de que vivemos, atualmente, numa fase de perda de âncoras sociais, percebe-se que a construção e a utilização de um termo do tipo profissional da informação para designar aquele grupo de pessoas que lidam com a informação se faz de forma problemática, porque a percepção de si, como profissional, ainda não se faz de maneira uniforme ou homogênea. Portanto, o indivíduo deve se conhecer e conhecer ao outro primeiro, para

que não haja intensos conflitos de identidade. Neste caso, a construção de uma identidade para os arquivistas é necessária, pois,

[...] quando a identidade perde as ancoras *sociais* que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a quem possa pedir acesso (BAUMAN, 2005, p, 30).

Portanto, podemos concluir que a representação dos estudantes de Arquivologia é líquida, pois convive, constantemente, com as mudanças, como defende Moscovici (2010), a respeito das constantes mudanças das representações sociais que os indivíduos estão a todo o momento realizando.

Neste caso, através deste estudo, foi possível compreender alguns aspectos relativos às questões que definem o perfil desse profissional e que abrem espaço para novas pesquisas, tanto em torno do profissional, quanto do Curso de Arquivologia e, ainda, da identidade destes dois últimos. Dito isto, esses resultados apontam apenas para o início de uma discussão que tende a contribuir com a Arquivologia, no que diz respeito ao seu profissional.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The system of professions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1992.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; Oliveira, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB, 1998, p. 59-82.

_____. **Méthodes d'études des représentations sociales**. Ramonville: Ed.Erès, 2003.

ANDRADE, F. C. B. A Teoria das Representações Sociais. In: _____. (Org). **Representações**

sociais e formação do educador: revelando interseções do discurso. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARBOSA, M. L. O. A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **BIB**, Rio de Janeiro, n.36, p.3-30, 1993.

BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Orgs.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 79, 25 de abril de 2007. Seção 1, p. 07.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 12, n. 1, p. 148-217, jan/abr 2007.

CIBOIS, P. **L'analyse des données en sociologie**. 2. ed. Paris: PUF, 1990.

COOK, T. Interacción entre la teoría y la práctica archivísticas desde la publicación del manual holandés en 1898. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARCHIVOS, 13, Beijing, 1996. *Actes*.

CRIVELLARI, H. M. Profissão/ocupação. In: FIDALGO, F.; MACHADO, L. (Orgs). **Dicionário da educação profissional**. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, 2000.

CUNHA, M. V. **O profissional da informação**: formação e mercado de trabalho. Revisão da

- literatura. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 2000.
- CUNHA, M. V.; PEREIRA, M. C. O perfil do profissional da informação em Santa Catarina: Primeiros Resultados. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003 CD-ROM.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socesp/etaculo.pdf>> Acesso em: 15 set. 2012.
- DI GIACOMO, J. P. Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. **Cahiers de Psychologie Cognitive**, Paris, v. 1, n. 1, p. 397-422, 1981.
- DE ROSA, A. S. Sur l'Usage des Associations Libres dans l'Étude des Représentations Sociales de la Maladie Mentale. **Connexions**, Rome, n. 51, 1988.
- DUARTE, Z. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, v. 5-6, p. 141-151, 2006-2007.
- DUBAR, C. **A socialização - construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERREIRA, S. M. S. **As contribuições de historiadores na organização de arquivos na cidade de João Pessoa/PB**. 2002, 56 f. Monografia (Bacharelado em História) – Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). João Pessoa/PB, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 1999.
- GUARESCHI, P. (Org). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis; Vozes, 1994.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JODELET, D. La Representación Social: Fenómeno, Concepto e Teoria. In: MOSCOVICI, S. (Org). **Psicologia Social**. Buenos Aires: Paidós, 1986.
- _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.
- LODOLINI, E. **Archivística: principi e problemi**. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.
- MARTINS, W. **A palavra escrita**. São Paulo: Ática, 1996.
- MINAYO, M. C. O Conceito de Representação Social na Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, P. (Org). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- NOBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. et al. (Orgs) **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Universitária, 2003.
- NÓBREGA, S. M.; FONTES, E. P. G.; PAULA, F. M. Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 1, 2005.
- OLIVEIRA, F.; WERBA, G. Representações sociais. In: Strey, N. et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.104-117.
- PERRUSI, A. **Imagens da Loucura: Representação Social da Doença Mental na Psiquiatria**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- SANTOS, V. B. A prática arquivística em tempos de gestão do conhecimento. In: NARELLI, H. C.; SOUSA, R. T. B. (Orgs). **Arquivística: temas**

contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. Distrito Federal: SENAC, 2009.

SOUZA, P. T. Teoria da Jurisdição e Capital Social: abordagens para o estudo do profissional da informação. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 41-50, maio/ago. 2007.

SOUZA, F. C. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, Jan./jun. 2006.

TARAPANOFF, K. et al. Características e tendências do profissional da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 3/4, p. 60-84, jul./dez. 1988.

_____. O profissional da informação e a sociedade do conhecimento: desafios e oportunidades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 27-38, jan./abr. 1999.

_____. Perfil do profissional da informação **Transinformação**, v. 18, n.1, p.96- 115, mar. 1989.

TARGINO, M. G. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 61-69, 2001.

_____. Práxis bibliotecária. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 39-53, 1997.

Dados sobre autoria

*Doutor em Ciências Sociais pela UFSCar e Professor Adjunto II do DCI e PPGCI/UFPB
E-mail: edvaldocalves@gmail.com

** Bacharel em Arquivologia/UFPB e licenciando em História/UFPB).
E-mail: derek_mg@hotmail.com

Artigo enviado em setembro de 2012 para a edição especial da [revista](#).